



---

## NOS VERSOS DO SAMBA: “O SOL ENTROU, ESCURECEU, SAMBA MORENA QUE O TEMPO É SEU”

Maiza Messias Gomes, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB,  
mgomes\_gbi@yahoo.com.br

### Primeiros versos

*“Arriba a saia, muié,  
Não deixa a saia moia  
A saia custa dinheiro  
Dinheiro custa ganhar...”*

As práticas históricas, sociais e culturais de um viver rural dos habitantes de comunidades negras rurais do município de Guanambi-BA ficaram por muito tempo isoladas e desconhecidas. Nessa perspectiva, a pesquisa que propõe investigar as invenções e reinvenções culturais das comunidades negras rurais no município de Guanambi-BA, especialmente, os sambas de roda que vêm sendo transmitidos de geração a geração por meio da memória coletiva do grupo, oferece condição de desvendar as diversas atividades desses sujeitos, traçando os caminhos que precisam ser percorridos e discutidos. Desse modo, evidenciamos os aspectos relacionados ao contexto histórico e sociocultural das comunidades, a partir das narrativas dos próprios moradores.

Dentre essas comunidades, tomemos como objeto em estudo a tradição cultural da comunidade de Tabua Grande<sup>1</sup>, conhecida popularmente como *Vai de Virá*<sup>2</sup>. Nessa perspectiva, também foram discutidas outras manifestações socioculturais desenvolvidas pelos moradores da referida comunidade, como as vivências cotidianas, as letras das músicas que compõem o repertório do samba, entre outras.

---

<sup>1</sup> A comunidade de Tabua Grande está localizada a 06 km da cidade de Guanambi-BA e aproximadamente a 796 km da capital, Salvador. Com uma população negra, de laços familiares e coletivos, esses moradores mantêm ainda tradições vivas de cultivo da terra, de práticas culturais que configuram e reconfiguram suas identidades como sujeitos individuais e/ou de grupo.

<sup>2</sup> *Vai de Virá* é um samba de roda da Tabua Grande, surge em meio às marcas de um viver rural de tradições culturais africanas. Sua expressão artística perpassa pelo aspecto da diversão, do lazer, do espaço festivo, alegre e descontraído, que se traduzem também nos aspectos identitários do grupo como sujeitos sócio-históricos.

A história oral constitui como método de investigação do samba do *Vai de Virá*, que vai contornando o passado e as lembranças, tendo como referência as narrativas dos moradores. Para Portelli, a História Oral é “como uma arte do indivíduo, portanto, leva ao reconhecimento não só pela diferença, como também da igualdade (...) constituindo essa a razão primordial que nos motiva a procurá-las” (1997, p. 18). Nesse sentido, Portelli reconhece que, apesar da memória ser constituída em um processo essencialmente individual, dilata ao mesmo tempo para o coletivo. Assim, a memória compreende as duas categorias simultâneas: a individual e a coletiva ou social. O aspecto social e cultural da memória é consequência da interação entre indivíduo e meio social, porém o ato de lembrar as experiências vivenciadas é exclusivamente pessoal. O fato de existir semelhança, diferença, ou contradições em relatos sobre determinado acontecimento não se caracteriza como fato peculiar dos estudos sobre memórias, pelo contrário, o caráter individual não permite a possibilidade de memórias exatamente iguais.

As fontes orais são condições necessárias (não suficientes) para a história das classes não hegemônicas, elas são menos necessárias (embora de nenhum modo inúteis) para a história das classes dominantes, que têm tido controle sobre a escrita e deixaram atrás de si um registro escrito muito mais abundante (PORTELLI, 2002, p. 13).

De acordo Halbwachs, as memórias de um indivíduo nunca são só suas e nenhuma lembrança pode existir separada da sociedade. As memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares de preservação dessas memórias. “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”, (2006, p. 30).

Para Halbwachs (2006), o indivíduo não lembra por se só, mas a partir dos quadros sociais da memória. As lembranças aparecem como um reconhecimento do que já foi vivido e, também, de uma reconstrução do passado, não como uma repetição, mas como uma possibilidade de recordar os acontecimentos e vivências dentro dos interesses e das relações sociais do grupo. Segundo os relatos, o *Vai de Virá* estava presente quase em todas as comemorações festivas e nos trabalhos comunitários, “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2006, p. 31).

A partir do diálogo com a história oral, fomos tendo acesso às memórias do *Vai de Virá* e mergulhando nas experiências vividas por alguns moradores da Tabua Grande, entendendo os seus saberes e fazeres e percebendo como os fatos do passado estão presentes no cotidiano dessa comunidade. Nora (1981) aponta que a memória se faz presente no processo de vivências dos grupos, conseqüentemente, na manutenção, invenção e reinvenção de suas tradições.

A memória é viva. Sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1981, pág. 09).

Assim, no diálogo com a história oral, fomos escrevendo os primeiros versos desse samba e mergulhando nas experiências vividas pelas famílias da Tabua Grande, entendendo os seus saberes e fazeres e percebendo como os fatos do passado estão presentes no cotidiano dessa comunidade. Os versos das músicas estão sendo traçados, encaixados e os riscos que os unem são as experiências vivenciadas por esses sujeitos históricos.

As imagens do mundo real ou do contexto social são registradas e conservadas na memória e são formadas a partir das vivências no meio natural ou sociocultural. A memória de um povo é formada a partir dessas experiências com a realidade, pois é um processo de construção que se dá no campo da cultura. Assim, o conceito de cultura entendido aqui não se refere apenas aos costumes, cultos e produção humana, mas aos significados através dos quais os grupos dão formas e sentidos às suas experiências.

Dessa forma, os aspectos culturais do *Vai de Virá* foram sendo aprendidos e apropriados pela comunidade de Tabua Grande, passando a ser uma prática comum entre os moradores, manifestada nos modos de vida, na organização do grupo, nas relações sociais, culturais, econômicas e políticas da comunidade. Constitui-se em uma dança apreciada por todos; homens, mulheres e crianças e, conseqüentemente, torna-se uma tradição da comunidade.

***“Quem chegou, chegou, quem chegou fui eu...”***

Narrar às histórias da vida dos moradores da Tabua Grande permite-nos entender seu cotidiano, experiências e atividades desempenhadas na comunidade, inteirar-nos do fazer dos sujeitos, das casas, dos espaços comunitários, das paisagens, e dos diferentes encontros que transmitiram significados. As muitas visitas realizadas a essa comunidade aconteceram aos sábados, à tarde, e, conseqüentemente, as entrevistas foram realizadas durante essas visitas. Em comunidades rurais os sábados à tarde são reservados para o descanso em casa, principalmente das mulheres, responsáveis pelos afazeres domésticos. Montenegro propõe que é:

(...) Entrevistando velhos trabalhadores e trabalhadoras sobre sua história de vida, procuramos e/ou mesmo aguardamos que marcas das diversas histórias fossem lembradas/narradas. À medida que estas marcas surgiam de conteúdos e formas os mais variados é que fomos construindo o quadro histórico. Foi a partir desses depoimentos que pudemos compreender, um pouco, quais histórias a população tem, de forma consciente, preservadas em sua memória. Por outro lado, é nessa senda que se descortinam as diversas histórias, apesar do esforço constante de alguns grupos em apresentarem sua versão como verdadeira, única, totalizante (MONTENEGRO, 2007, p. 15).

Durante as visitas, observávamos que os moradores mantinham as casas de portas abertas, com pessoas nas portas de suas casas, conversando com os vizinhos, arrumando suas casas, visitando as famílias ou, simplesmente, passando pelas estradas. Na comunidade de Tabua Grande, o sábado à tarde e também o domingo são dias de muito movimento, dias de futebol. Nesses dias, pela manhã, os homens geralmente vão “jogar bola”, e, nesse espaço do futebol, ocorre a socialização entre vizinhos, parentes, amigos e visitantes, que já faz parte da rotina do grupo.

Observamos que cada um desenvolve suas atividades dentro do seu espaço, alguns cuidando dos animais, molhando hortas, consertando a cerca, varrendo o quintal, lavando roupas, colhendo os frutos da plantação, preparando um alimento, outros frequentando os bares da vizinhança, mulheres cuidando dos filhos, entre outras atividades. São inúmeras as atividades que preenchem o dia a dia, e é nesse vai e vem que as experiências são construídas e marcadas pela obrigação na execução dessas tarefas.

É nesse espaço da comunidade, na condição de homens e mulheres, que os moradores procuram exercer suas lutas e coragens, repetindo todos os dias as mesmas funções, mas nem por isso perdem a esperança no olhar, a desenvoltura na dança, o molejo do corpo, o sorriso no rosto e a coragem de continuar lutando.

Tomemos como exemplo o Sr. Otelino Pereira dos Santos, 61 anos, esposo de D. Rosamira de Jesus Ribeiro Santos, pai de 6 filhos e trabalhador da comunidade de Tabua Grande. Sr. Otelino trabalha na roça, planta mandioca, abóbora, milho, melancia, feijão-de-corda, cuida dos animais, vende os produtos que sobram da roça na feira de Guanambi e sente orgulho em contribuir para o sustento da casa. Além de todas essas atividades desempenhadas, ele participa das reuniões da Associação dos Trabalhadores Rurais da Tabua Grande, das Cavalgadas que acontecem no município de Guanambi e organiza uma Cavalgada em sua propriedade, que acontece uma vez ao ano, sem contar que ele faz questão de participar de todas as apresentações do *Vai de Virá*, sempre bem disposto e otimista. Para Sr. Otelino, o seu trabalho e sua dedicação fazem parte do que ele aprendeu com a vida, a terra para ele “é o sustento, o lugar sagrado”, o lugar onde ele e seus irmãos foram criados, e agora, onde ele cria os seus filhos. E, assim, a tradição permanece na história do lugar.

Na Tabua Grande as estradas são estreitas, as casas são construídas bem próximas, o movimento dos moradores chegando e saindo de suas casas dá um ar de agitação e dinâmica na comunidade. A localização estratégica da comunidade é vista como um canal de ligação entre as demais comunidades e a cidade de Guanambi. Isso dinamiza e movimenta as estradas, permitindo sempre o encontro de pessoas indo e vindo e, naturalmente, a quebra na rotina, quando comparada com outras comunidades rurais.

Em sua maioria, as casas são pequenas, são construções simples, sem muito conforto. Geralmente, obedecem a um modelo padrão, com portas e janelas na frente, poucas divisões internas, cobertura de telhas, não são forradas, na maioria possuem piso, e em alguns quartos sem portas e banheiros, usam pano (tecido) como cortina, típica de construção rural. A existência de móveis baseia-se em sofá, estante com televisão, cadeiras, bancos de madeira, mesas, fogão a gás, em algumas casas há geladeiras; nas paredes fotos antigas de familiares, imagens de santos, objetos que guardam de lembranças, como relógios que já não funcionam, calendários antigos, quadros com paisagens e outros objetos.

Na Tabua Grande, as atividades cotidianas são reproduzidas ao longo das gerações, embora os costumes e as tradições se tenham renovando e modificado com o passar dos anos. As tradições chegam às novas gerações através da oralidade, das histórias e narrativas dos velhos tempos. Como exemplo da tradição oral, temos as próprias letras das músicas do *Vai de Virá*, que foram passadas por meio da memória e da oralidade. Não foi possível encontrar, no decorrer da pesquisa, registros das letras das músicas do samba, apenas sua presença na memória e nas histórias dos seus sambadores e moradores da comunidade.

Segundo Le Goff, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (2003, p. 469). Em se tratando de um fenômeno que acontece no campo individual e coletivo, a memória apresenta-se como processo dinâmico em permanente mudança, ligando o sujeito histórico ao grupo social e, conseqüentemente, a um momento específico.

**“Ô lêlê vai virar, vire aqui, vire acolá...”**

O universo musical do samba de roda é vasto e diversificado. O repertório de uma roda de samba tradicional pode sofrer adaptações de acordo com a região e as tradições do grupo. Na formação do repertório, é possível perceber que, mesmo existindo especificidades na expressão de cada grupo, há letras de músicas que são identificadas em vários grupos, por exemplo:

*Pau-pereira, pau-pereira  
É um pau de opinião  
Todo pau fulora e dá  
Só o pau-pereira não.*

Essa é uma música de domínio popular, cantada pelo grupo *Vai de Virá* e por outros tipos de samba, como o da comunidade quilombola do Rio das Rãs, situada próximo às margens do Rio São Francisco, no município de Bom Jesus da Lapa - BA. Sambas de composição do próprio grupo e de outros fazem parte do repertório de apresentação do *Vai de Virá*, como nos afirma D. Maria<sup>3</sup>:

*Era nós mermo, era nós. Tinha um cado de música, nós dançava essas músicas tudo, tinha essas danças tudo e virava em outras danças e virava im outra e virava im outra, dançava até cansava (D. Maria).*

O relato de D. Maria sugere que o grupo criava as suas próprias músicas, como também se apropriava de músicas de outros grupos, ou de diferentes tradições culturais, evidenciando, assim, a presença de outras danças na roda do *Vai de Virá*. Como discutido anteriormente, o *Vai de Virá* é uma tradição que abriga diversas transmissões culturais, assim

---

<sup>3</sup> Maria Rodrigues dos Santos, uma Senhora de 62 anos, integrante do grupo.

como a cultura, não é pura, fixa nem acabada, pelo contrário, é um costume que mantém sua continuidade por meio das conexões com outras culturas, em um processo de invenção e reinvenção.

Os temas que compõem as letras das músicas retratam aspectos que evidenciam a complexidade do universo cultural dos participantes. Os semblantes do cotidiano são lembrados e cantados nas rodas, além das experiências, resistências e conflitos que os antepassados vivenciaram e projetaram. A visibilidade nas letras do samba do *Vai de Virá*, retratando a relação entre o homem e a mulher, destaca o “jogo” do amor, o ensejo à conquista, o ciúme, as tristezas e alegrias de um encontro.

*Eu fui na salina muntado no coei  
Samba de homem, muié tá no mei.*

Refrão:

*Virou, virou, vai de virá, eu também sei virar, vai de virá.*

*Fica aí, muié  
Que eu vou no samba e vem já  
Se o samba lá tiver bom  
Eu vem te buscar*

Refrão

*Eu fui arriar meu burro  
Me deu um coice no pé  
Nunca vi coisa doer  
Como coice de muié  
O que é, o que é? O que é, meu bem, o que é?*

*Eu não vinha nessa casa  
Nem nela tinha atenção  
Vem dá gosto da dona dela  
Com sua geração*

*Trabaiei, trabaiei pra dá conta da muié  
E o pago que'la me deu  
Foi dizer que não me quer*

Nessas estrofes observa-se que as músicas retratam situações de acontecimentos do cotidiano. Tomemos para análise a terceira estrofe da música acima, verificamos que a prática

de “arriar”<sup>4</sup> os animais é comum entre os moradores, a exemplo do que ocorre no uso de animais de tração, como meio de transporte e lazer. Entretanto, “arriar” um animal requer habilidade técnica e uma relação de intimidade com ele, pois se trata de uma prática de confiança e respeito, imposta pelo domesticador. Mesmo assim, o animal pode surpreender com coices e cabeçadas, o que, para o dono, é uma manifestação de afronta, reproduzida em forma de dor. Percebemos que nos versos o animal é usado como figura de linguagem, há uma transferência de sentidos e significados nessa relação. A dor simbolizada pelo coice do animal faz referência a um “não” ou uma grosseria recebida de uma mulher, numa tentativa frustrada de uma conquista. Trata-se, também, de uma comparação entre a dor física, manifestada através do coice do animal, e a dor emocional, manifestada por uma desilusão amorosa. Nesse caso, a dor que machuca e maltrata não é a dor física, mas a dor emocional. Por outro lado, o sentimento que nos é transmitido, através desses versos, é de uma tentativa de dominação e de controle sobre a mulher. No entanto, ao se revelar contrária a esse comportamento masculino, a atitude da mulher é interpretada e comparada ao coice do animal, indo de encontro a todas as convenções culturais do universo masculino.

Além disso, as vivências cotidianas são incorporadas às letras das músicas do samba *Vai de Virá*, retratando formas peculiares de resistência e luta. As letras falam de um universo conhecido pelo povo da comunidade, e este dá seguimento às tradições que foram deixadas por outras gerações. Sobre a continuidade cultural de comunidades aldeãs da Idade Moderna, Burke destaca:

Em comunidades aldeãs onde a maioria das famílias ali permanecia ao longo das gerações, vivendo nas mesmas casas dos pais e avós, lavrando o mesmo solo, é razoável supor uma grande continuidade cultural. Nesse tipo de comunidade, as tradições orais provavelmente eram estáveis e, assim, constituem um guia mais confiável para o passado do que os historiadores modernos se dispõem a admitir. Existem ainda hoje homens que moram nas Terras Altas ocidentais, ocupando a mesma terra que ocupavam seus antepassados no século XVII e possuindo tradições familiares que remontam a essa mesma época (BURKE, 2010, p. 124).

Os aspectos relacionados à continuidade cultural muito presente em comunidades rurais, manifestam-se nos saberes e fazeres de um povo, a partir das relações familiares, da permanência no espaço e da estabilidade das relações. Esses aspectos estão vivos na memória do grupo e são passados para as futuras gerações, através das tradições orais, do trabalho, das manifestações e das experiências vividas. Podemos destacar aqui, como exemplo, o próprio

---

<sup>4</sup> Na linguagem do grupo, arriar é usado para colocar o arreio no animal, cavalo, burro, jumento, entre outros animais.



samba *Vai de Virá*, em relação ao qual, em entrevista, alguns de seus membros diziam não saber mais as músicas e as danças. Mas, ao ouvirem a batida dos instrumentos e um verso cantado por um dos membros, isso foi o suficiente para que todo o grupo recordasse as canções e caísse no meio da roda. Dessa forma, mesmo o samba não estando presente todos os dias na comunidade, materializado em forma da roda, na memória e na vida desses moradores, os versos surgem naturalmente, entre uma música e outra eles vão se encontrando e se reencontrando e reinventando suas tradições.

Outro tema presente nas músicas do *Vai de Virá* é o cenário natural da comunidade: os animais, as plantas e as rochas (lajedo), entre outros fenômenos naturais, são temas recorrentes no repertório do samba. Através da improvisação e da repetição, os participantes do *Vai de Virá* vão incorporando imagens que são contempladas no seu cotidiano. A seguir, apresentamos alguns versos de músicas do *Vai de Virá* que fazem abordagem sobre esses fenômenos. Nota-se que a letra não vem em forma de diálogo, ou seja, são versos que trazem situações de uma vida rural, às vezes rimados, às vezes não. A letra abaixo ajuda-nos a entender melhor esses aspectos:

*Lajedo bom de cabrito vadiá*

*Formiguinha miúda me mordeu, me mordeu, mas não dueu*

*Ariri sariema pena só, penacho da ema*

Refrão:

*Virou, virou, vai de virá, eu também sei virar, vai de virá.*

*O tatu sobe no pau, é mentira, muleque*

*Ele sobe, ele desce, é mentira, muleque*

*De moita em moita*

*De pedra em pedra*

*Quando eu vi a onça*

*Eu levei uma queda*

*Iaiá, oia a onça*

*Pra que bulir com ela!*

*Oia a onça pintada*

*Da maia amarela*

*Arriba a saia, muié,*

*Não deixa a saia moiá*

*A saia custa dinheiro  
Dinheiro custa ganhar*

*O ri tá cheio, Piau,  
Passa por cima do pau, Piau,*

*Panha, panha, panha, muié,  
Panha a laranja no chão se quiser*

*Inda vou lá, inda vou lá  
Vou na Santa Luzia sambar  
Inda vou lá, inda vou lá  
Vou na Santa Luzia sambar*

O samba destaca situações do viver rural, ressaltando suas dificuldades e enfrentamentos diários. São versos que transmitem a simplicidade do campo, a vida tranquila, o contato com a natureza, o encantamento e a admiração que esse universo possibilita. A beleza dos lajedos, somada à diversão dos animais, constitui uma cena incomum em relação à vida agitada das cidades. Os versos nos mostram o convívio humano com o animal, revelando as manobras necessárias para manter a sobrevivência em meio às astúcias. São versos que expressam o tempo e o espaço do universo rural, com modos particulares de utilização de um tempo que difere do universo urbano, principalmente em relação à vida social, às percepções da vida coletiva e da vida local da comunidade.

Na música, a comunidade de Tabua Grande é marcada pela paisagem, pela predominância da natureza, pelos laços étnicos e a relação intercultural que perpassam esses indivíduos. Essas características são particularmente construídas em contextos históricos, sociais e culturais específicos e são responsáveis por relações que resultam em práticas e representações peculiares a respeito do espaço, do tempo, do trabalho, da família, da religião, da tradição, entre outras especificidades.

Os temas que compõem o repertório do samba também abrangem aspectos que nos reportam à história de luta dos negros no Brasil, ressaltando os conflitos, as perseguições, os maus-tratos, as fugas, como também as festas, as devoções, o trabalho, os encontros, as práticas culturais e sociais da casa-grande e da senzala. De acordo com Miranda (2011), “durante a escravidão, a dança representava, nesses espaços, momentos privilegiados de liberdade, de comunicação interna entre os escravos, de articulações, de estratégias, críticas e trocas de informações por meio da crônica cantada” (2011, p. 122).

Práticas como essas não ficaram perdidas no tempo, pelo contrário, estão vivas em quase todas as comunidades negras rurais do Brasil, proporcionando, assim, os laços de

**VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica**

**UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016**

**Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676**

continuidade de tradições culturais da comunidade. Assim, a herança cultural do grupo *Vai de Virá* e de outros grupos de samba de roda vem permitindo a continuidade dessa prática, simbolizando lutas e resistências desses sambadores.

*O carro de Mina chegou  
Cheio de nego nagô  
Mas o carro de Mina chegou  
Cheio de nego nagô*

Refrão:

*Virou, virou, vai de virá, eu também sei virar, vai de virá.*

*O batuque na cozinha a sinhá não quer  
O tição virou e queimou meu pé*

*Bera o beco, bera o beco  
Iaiá, bera o beco  
Bera o beco, sinhá, eu também vou berar  
Vou berá, bera o beco, sinhá*

Composições como essas constituem uma prática cultural de resistência e afirmação da cultura afro-brasileira. No Brasil, o samba é a maior expressão da cultura negra e, também, o espaço de socialização, resistência e afirmação dessa identidade. Os versos do samba nos transportam para uma época em que as comemorações dos negros eram proibidas e reprimidas, época em que os batuques incomodavam os senhores, os feitores e os dirigentes. Ao retratar sobre os aspectos de resistência do samba, Sodré nos aponta: “Quanto ao seu aspecto de resistência, não há lugar de dúvida, basta saber ‘ler’ ou escutar a história da música negra. (...) o samba é ao mesmo tempo um movimento de continuidade e afirmação de valores culturais negros” (1998, p. 56).

No que se refere à resistência e à afirmação de identidade na Tabua Grande, não é diferente, a autoidentificação e a valorização da cultura são intensificadas nas práticas do samba e na sua continuidade.

A partir desses temas, a música do *Vai de Virá* manifesta características de simplicidade, de resistência e de continuidade. Os versos transmitem a alegria, a história e práticas culturais em ritmo acelerado. Embora o tema sobre a resistência da cultura afro-brasileira esteja presente nas músicas do samba, são poucos os versos que abordam a temática no samba de roda da Tabua Grande. Nas lembranças dos sambadores, os versos mais

recorrentes são os que retratam aspectos da própria comunidade e da relação homem e mulher.

Para as apresentações em ocasiões fora da comunidade, o repertório do grupo *Vai de Virá* segue um ritual, a entrada na roda ou a chegada no espaço é anunciada através dos versos:

*Quem chegou, chegou!*

*Quem chegou foi eu...*

*A cancela bateu, cavaleiro sou eu*

Refrão:

*Virou, virou, vai de virá, eu também sei virar, vai de virá.*

Os singelos versos expressam gestos de um viver no campo, do anunciar uma chegada à casa do vizinho, a cancela que bate ao ser aberta para a passagem de alguém. Geralmente, ao passar por uma cancela, o cavaleiro a solta e ela se fecha sozinha, produzindo um barulho que é reconhecido e identificado pelo morador como anúncio da presença de alguém, os versos expressam a ousadia do grupo, ao dizer “quem chegou, chegou”. Assim, para o grupo não importa quem está faltando, os protagonistas são os que não podem faltar na festa, e são eles que anunciam a sua própria chegada, que, de forma direta ou indireta, chama a atenção dos demais, demonstrando sua posição de destaque: Eu cheguei, “quem chegou foi eu”! Nesse espaço de composição das músicas do samba, percebemos uma prática de resistência cultural afro-brasileira. Além das letras das músicas estarem associadas aos problemas sociais, de resistência e afirmação de identidades, o samba expressa, também, o grito de liberdade, de pedido de respeito e de valorização; em uma linguagem simplória, a mensagem do grupo seria: agora é a minha vez, eu cheguei!

Outro momento marcante, nas apresentações do *Vai de Virá*, é a música da despedida, cantada pelo grupo e respondida pelo público; nesse momento, os versos surgem quase como um apelo para o grupo permanecer.

*Eu já vou embora*

*Vai não*

*Eu já vou embora*

*Eu já vou embora*

*Vai não*

*Eu já vou embora*

Refrão:

*Virou, virou, vai de virá, eu também sei virar, vai de virá.*

Após esses versos, o grupo encerra a sua apresentação; nesse momento, os sambadores se despedem da roda e deixam o centro das atenções para retornarem à vida comum. Assim, a roda do samba constitui-se como um palco, onde todos são os atores que contagiam as pessoas, seja pela música, seja pela batucada ou pela roda que vive à espera de um corpo que sambe.

**“Eu já vou embora, não vai não, eu já vou embora...”**

Com esse trabalho, procuramos abordar os aspectos relacionados ao contexto histórico e sociocultural da comunidade, a partir das narrativas de moradores. Os traços deixados por esses personagens têm marcado a história, a memória e as experiências dessa comunidade rural, na continuidade da tradição cultural do *Vai de Virá*. Apesar de citar alguns nomes de pessoas que se destacaram na memória do *Vai de Virá*, observamos, no decorrer da pesquisa, que toda a comunidade da Tabua Grande está inserida na prática dessa tradição, até mesmo os que não participam diretamente, absorvem e se apropriam desses elementos.

As memórias fortalecem as identidades do grupo e lhes dão ressignificação, de modo que a memória coletiva não constrói apenas as lembranças históricas, mas constitui a identidade social dos sujeitos. Muito além dos fatos narrados e da coleta sistematizada da pesquisa, interessa entender as significações construídas que esses indivíduos atribuíram aos acontecimentos. Assim, a construção das identidades vai se moldando quando um determinado grupo se apropria de seus valores e tradições, perpetuando-os na sua história.

Dessa forma, constituiu-se como foco desse estudo a análise do *Vai de Virá* encontrado vivo nas memórias dos moradores e que se configura nas identidades do grupo. As vivências cotidianas também foram aproveitadas no descortino dos vestígios presentes nos relatos orais. Entre esses indícios destacamos as atuações dos moradores da Tabua Grande, que, desde o início, procuraram preservar suas tradições, como a música e a dança, demonstrando que dessa tradição, até o momento, manifestada na comunidade, não foi encontrado registro em outra localidade, sendo uma prática recorrente desse grupo que se perpetua nos ensinamentos transmitidos de geração em geração.

Assim, como foi proposto, o artigo configura-se como um recorte de uma pesquisa desenvolvida no processo de formação doutoral, que propõe investigar as invenções e reinvenções culturais das comunidades negras rurais no município de Guanambi-BA, entre as comunidades, optamos em trabalhar com as comunidades de Tabua Grande, Morro de Dentro e Queimadas<sup>5</sup>.

### **Referências bibliografias**

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800*. Tradução Denise Bottmann. In. Introdução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernador Leitão... (et al.). 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MIRANDA, Rosângela Figueiredo. *Experiência das mulheres negras do Rio das Rãs: Resistência, cotidiano e cultura – Bom Jesus da Lapa-Ba. (1970-2009)*. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-graduação em história regional e local – UNEB, Santo Antônio de Jesus, 2011.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História e memória: a cultura popular revisitada*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

NORA, Pierre. *Entre a memória e a história: a problemática dos lugares*. Projeto história, n. 10, p. 7-28, dez. 1981.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral*. São Paulo: Projeto história, 1997, p. 13-49.

SODRÉ, Muniz. *Samba - O dono do corpo*. 2. ed. - Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

---

<sup>5</sup> A comunidade de Queimadas foi a primeira comunidade negra do município de Guanambi a receber a Certificação da Fundação Cultural Palmares de Remanescente de Quilombo, em 05 de junho de 2015.